



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

VIAGEM, DIÁSPORA, TRANSNACIONALIDADE E HIBRIDAÇÃO EM QUATRO NARRATIVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

José Luís Giovanoni Fornos* (FURG)

Resumo: O presente ensaio reflete sobre as categorias da viagem, da transnacionalidade, hibridação e da diáspora, observando a importância das mesmas na constituição dos sujeitos. Para tanto, o trabalho investiga um grupo de narrativas de língua portuguesa cujas peculiaridades endossam uma estética diaspórica e multicultural, tomando como referência teórica os estudos de Edward Said, Homi Bhabha, entre outros. As narrativas em estudo são *As mulheres de meu pai* e *Milagrário pessoal*, de José Eduardo Agualusa; *O evangelho segundo a serpente*, de Faiza Hayat e *Réquiem para o navegador solitário*, de Luís Cardoso.

Palavras-Chave: Viagem, Transnacionalidade, Diáspora, Narrativas de língua portuguesa.

Desde sua origem, os estudos comparados em literatura buscam um método que melhor possa estabelecer epistemologicamente a análise comparatista. Houve desde sempre a convicção de que o comparatismo ampliaria as condições de investigação a variados sistemas e movimentos literários, evidenciando a diversidade de objetos como um dos pressupostos de sua estrutura. Tal intenção confere à literatura comparada um vasto campo de atuação o que provoca, ao mesmo tempo, divergência de noções e de orientações metodológicas. (CARVALHAL, 2004)

Nesta tarefa, continuamente concretizada ao longo da história, por diferentes escolas e autores, está explícita a ideia dos intercâmbios internacionais, tornando-se tal elemento um dos marcos diferenciadores da literatura comparada. Como defende Guyard:

A literatura comparada é a história das relações literárias internacionais. O comparatista se coloca nas fronteiras, linguísticas e nacionais, e examina as mudanças de temas, ideias, livros ou sentimentos entre duas ou várias literaturas. O seu método de trabalho deverá adaptar-se à diversidade de suas pesquisas. Um certo equipamento lhe é indispensável. Ele deve ser capaz de ler

*Professor da Universidade Federal do Rio Grande. (FURG)

diversas línguas, e deve saber aonde localizar as bibliografias indispensáveis. (COUTINHO, 2006, p.42)

É sobre o potencial do intercâmbio internacional que categorias como viagem,¹ encontro² e contato assumem um papel histórico relevante no entendimento das relações de poder sob os pontos de vista político e literário. São categorias estruturantes do comparatismo. São processos de interação cultural que podem ser compreendidos como *zonas de contato*, tal como foi exposto por Mary Louise Pratt (1999). O deslocamento de pessoas, ideias e textos cumpriria uma função exemplar na construção de tais espaços, promovendo processos de transculturação.³

Ao incorporarmos as figuras do encontro e do contato às características da evolução do modo de produção capitalista, elas perdem seu grau de neutralidade, assumindo conotações ideológicas. É a partir de tal entendimento que se reavalia os valores disseminados pelas estruturas de poder material e cultural dos centros

¹As viagens voluntárias e involuntárias proporcionaram “uma literatura abundante; coisas vistas e ouvidas, contadas oralmente ao retorno, que puderam fecundar imaginações; ou consignadas no papel, em formas diversas, desde as simples notas rabiscadas num pequeno caderno até o relato de viagem, passando pelo diário de viagem e pela carta, sem esquecer o panfleto enraivecido. Obras fundamentais focalizam os intercâmbios internacionais, a psicologia dos povos, a constituição de mitos de um novo gênero, a renovação do pensamento de um escritor ou as ideias-mestras de uma literatura.” (BRUNEL, P., PICHOS, CL. e ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1995.)

² O motivo do encontro é um dos aspectos que caracteriza a cronotopia bakhtiniana. Para o autor russo, “o motivo do encontro recebe matizes diferentes e concretos, inclusive emocionais e de valor”, podendo assumir um significado semi ou totalmente metafórico, tornando-se, por fim, um símbolo. O cronotopo do encontro exerce, em literatura, funções composicionais, servindo de nó ou mesmo desfecho do enredo. Para Bakhtin, o “encontro é um dos mais antigos acontecimentos formadores do enredo”, em particular do romance, devendo-se observar a “estreita ligação do motivo do encontro com motivos da separação, a fuga, o reencontro, a perda, o casamento”. É preciso ressaltar igualmente a ligação de tal cronotopo com o da estrada o que nos leva a refletir sobre a situação do deslocamento e da viagem. Cabe, aqui, a questão não abordada por Bakhtin, embora sugerida, sobre a caracterização da cronotopia do encontro e da estrada no chamado romance pós-colonial. Atento à caracterização histórico-formal do romance, Bakhtin, todavia, enfatizando o romance antigo, minimiza o sentido político e geográfico da cronotopia. Nesse sentido, acrescenta que, “é importante passar a um outro país, mas qual será esse outro país também é absolutamente indiferente. As peripécias aventurosas do romance grego não têm quaisquer ligações substanciais com as particularidades de cada país que figura no romance, com sua estrutura sócio-política, sua cultura, sua história.” (BAKHTIN, 1998, p. 224)

³ Para Fernando Ortiz, a transculturação é um processo cultural-social em que as diversas culturas se fundem na vida cotidiana e na cultura. O conceito foi adaptado à literatura por Angel Rama (*Transculturação narrativa em América Latina*, México, Siglo XXI, 1982). Para Rama, a transculturação aparece como uma mestiçagem cultural; ocorre entre a alta cultura e a subalterna, está a cargo de uma vanguarda de escritores e críticos e se relaciona à identidade nacional e ao estabelecimento e consolidação do Estado. In: LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Chapecó; SC: Argos, 2002.

metropolitanos capitalistas europeus, problematizando um dos fundamentos eurocêntricos: a ideia de uma literatura universal que, graças aos seus apurados empreendimentos técnico-linguísticos, contribuía para o humanismo.

Uma das inspirações para tal crítica é o livro *Orientalismo* onde Edward Said aborda tal universalismo de campos como os chamados clássicos, como se outras literaturas e sociedades tivessem um valor menor ou ultrapassado. Por trás desse enfoque, escondiam-se opções e valores específicos, dentre os quais a de cultura nacional. “É evidente que inúmeros pensadores europeus ao celebrar a humanidade e a cultura, estavam celebrando, sobretudo, ideias e valores que atribuíam a suas próprias culturas nacionais.” (SAID, 1999, p.79) Para o autor, os comparatistas em geral mostraram-se pouco interessados pelos textos asiáticos, africanos ou latino-americanos.

De outro modo, Said ressalta a importância dos comparatistas que consideravam o nacionalismo como algo transitório e, por vezes irrelevante. Significativo era o “concerto dos povos e espíritos que transcendia o mesquinho âmbito político da burocracia, dos exércitos, das alfândegas e da xenofobia.” (SAID, 1999, p.80) Desta forma, o estudo comparado da literatura poderia fornecer uma perspectiva transnacional, e até trans-humana.

Tal disposição ecoa nas proposições de Homi Bhabha (1998) ao defender os estudos da cultura como transnacionais e tradutórias.⁴ A defesa do transnacional como categoria investigativa ocorre porque os discursos contemporâneos “estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural” (p.241). A mobilidade de indivíduos e comunidades configura novas territorialidades, perturbando a mecânica cultural e histórica dos pertencimentos.⁵

⁴ Para Bhabha, a ideia de tradução não é a de “transportar fatias suculentas de sentido de um lado da barreira de uma língua para a outra”. A cultura como estratégia de sobrevivência, escreve Bhabha, é tanto transnacional como tradutória. “A cultura é tradutória porque as histórias espaciais de deslocamento tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura.” (BHABHA, 1998, p. 248).

⁵ São importantes as reflexões e reivindicações teóricas de Paul Gilroy ao defender a tese de um *Atlântico negro* como unidade de análise única e complexa do mundo moderno para produzir uma perspectiva transnacional e intercultural, em oposição às abordagens nacionalistas ou etnicamente absolutas. A história do Atlântico negro “propicia um meio para reexaminar os problemas de nacionalidade, posicionamento, identidade e memória histórica.” (GILROY, 2008, p.59)

É desta maneira que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pela qual as culturas se reconhecem através das projeções de alteridade.” (BHABHA, 1998, p.33) Em consequência, o terreno da literatura mundial poderia ser “as histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos. O centro de tal estudo não seria nem a soberania de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana.” (BHABHA, 1998, p.33)

Ao reavaliar os conceitos de culturas nacionais homogêneas, ao problematizar a transmissão consensual de tradições históricas ou comunidades étnicas orgânicas, põe em questão a própria base do comparatismo cultural, promovendo um profundo processo de redefinição de tais estudos.

Nessa redefinição, outras vozes – as chamadas minorias – constituir-se-iam em tema internacional, desde que tais sujeitos fossem compreendidos à luz do hibridismo cultural cujo “conceito original” Bhabha extrai de Bakhtin e dos pós-estruturalistas.

Tais sujeitos se situariam nas “margens deslizantes do deslocamento cultural”, recusando os traços étnicos e raciais “inscritos na lápide fixa da tradição.” (BHABHA, 1998, p.20) Essas diferenças ocorrem no processo mesmo de sua manifestação, elas não são uma entidade ou expressão de um estoque cultural acumulado, não havendo um vínculo pré-determinado a um lugar na estrutura social. “O sujeito é sempre provisório, circunstancial e cingido entre um sujeito falante e um sujeito falado, reflexivo.” (COSTA, 2006, p.93)

Desta forma, para ressaltar a importância de tais pressupostos aos estudos comparados de literatura, recorre-se a quatro narrativas. A presença da língua portuguesa é um dos critérios delimitadores do *corpus*, o que deflagra, por sua vez, um contexto histórico e político particular.⁶ Destacam-se *O evangelho segundo a serpente*

⁶ De acordo com Boaventura de Sousa Santos, historicamente, a norma é dada pelo colonialismo britânico e é em relação a ele que se define o perfil do colonialismo português, enquanto “colonialismo periférico”, isto é, colonialismo subalterno. No domínio das práticas coloniais, a perifericidade está no fato de Portugal ter sido, ele próprio, durante um longo período, dependente da Inglaterra, e, em certas circunstâncias, quase uma colônia informal daquele país. A união do colonialismo português com as estruturas de produção capitalista foi menos direta do que as que caracterizaram o colonialismo britânico. A especificidade do colonialismo português não se assenta exclusivamente em razões de economia política, manifestando-se igualmente nos planos das práticas cotidianas de convivência e de sobrevivência, de opressão e de resistência, de proximidade e de distância. Nos discursos e nas narrativas, manifesta-se no plano de outros saberes, das emoções e dos afetos, dos sentimentos e das ideologias. Além das razões acima mencionadas, há o fato de que o ciclo colonial português é de todos os colonialismos europeus, o mais longo, tendo precedido em três séculos o colonialismo capitalista central do século XIX.

(2006), romance de estréia da escritora portuguesa Faíza Hayat; *As mulheres do meu pai* (2007) e *Milagrário pessoal* (2010), do angolano José Eduardo Agualusa; *Réquiem para o navegante solitário* (2007), do escritor timorense Luís Cardoso. Tais obras elucidam as observações e reflexões desenvolvidas cuja síntese pode ser verificada a seguir.

Em primeiro lugar, tais livros evocam múltiplos territórios que se sobrepõem e se entrelaçam, informando equações históricas geradas por impérios, colônias e a globalização. Em segundo, apresentam travessias intercontinentais, proporcionando um conhecimento variado de identidades. Com efeito, a categoria viagem transforma-se num dos aspectos centrais. As motivações do excursionar multinacional devem ser analisadas, interrogando-as à luz de uma epistemologia do deslocar-se. Ao tema da identidade ajusta-se o conceito de diáspora. Os resultados de tais empreendimentos e configurações trazem a importância dos processos de hibridação como condição originária dos diversos agrupamentos sociais, em que pese os graus e modos de participação e integração comunitárias.⁷

As estruturas narrativas derivam também da biografia de cada autor. Os referidos escritores transitam por diversos países, vivenciando especificidades regionais e locais que acabam por dinamizar os signos da nacionalidade. São habitantes de um mundo marcado pelos efeitos da globalização capitalista.

A escritora portuguesa Faíza Hayat vive em Barcelona, tendo viajado para outros continentes, em especial pelos países do Terceiro Mundo. A cultura oriental e muçulmana está incorporada à sua formação identitária. O angolano José Eduardo Agualusa divide seu tempo entre a Europa, África e Brasil. Este último país é referência contínua em suas obras. O primeiro romancista do Timor, Luís Cardoso, vive atualmente em Lisboa.

⁷ O tema da mestiçagem é vasto e complexo. Em *O pensamento mestiço*, Serge Gruzinski evidencia tal complexidade a partir de algumas questões, assim sintetizadas: As misturas resultantes da expansão colonial expressam uma reação à dominação européia? As misturas são repercussões da dominação européia e até mesma uma forma astuciosa de enraizar nossos costumes no seio das populações subjugadas? Até que ponto uma sociedade ocidental pode tolerar a eclosão proliferadora de expressões híbridas? Que sentido, que limites e que ciladas se escondem na metáfora tão cômoda da mistura? Como se desenvolve um pensamento mestiço? A obra de Gruzinski aborda as relações coloniais ibéricas no continente americano, com destaque para o México.

Uma das recorrências nas narrativas citadas é a experiência transnacional das personagens, movimentando o tema da identidade multicultural. Em *O evangelho segundo a serpente*, Faiza, personagem homônima à autora do romance revela suas origens: o pai possui procedência oriental; o avô paterno africana.

Amplificam-se as diferenças, à medida que Faiza, uma escritora e arqueóloga, narra sua condição de mulher num espaço singularíssimo: o deserto africano do Egito. Ali, apaixona-se por um jovem cientista carioca chamado Marcelo que está à caça dos fragmentos perdidos dos novos evangelhos, escritos na língua copta. Em Paris, Marcelo, quando interrogado por um grupo de colegas acerca de sua identidade brasileira, respondendo jocosamente: “Não tenho certeza. Sou flamengo. Emociona-me mais o hino do flamengo do que o hino do Brasil.” Na sequência teoriza: “A naturalidade é um acidente, a nacionalidade, um artifício. Um clube é uma escolha do coração.” (p.71)

Durante um debate acadêmico na Universidade de Lisboa, Faiza é acusada de não ser portuguesa, confessando que crescera, sem espanto nem problemas, entre duas culturas, duas línguas, duas formas diferentes de ver o mundo: “o meu pai é um goês muçulmano. A minha mãe era uma lisboeta católica.” (p.70) Interrogada sobre sua identidade, isto é, se se considerava mais portuguesa ou indiana, cristã ou muçulmana, Faiza alerta:

Eu sinto-me mais humana. Uma religião é uma janela sobre Deus. Um idioma é uma janela sobre a alma. Cresci, felizmente, numa casa com muitas janelas. Acho que nunca vi Deus, é verdade, mas pelo menos entrava bastante sol. Sou portuguesa por distração, isto é, nem isso me aflige, nem tão pouco me arrebatava. Vivo em Barcelona com saudades do meu bairro, a Graça, onde nasci e cresci, e com mais saudades ainda do deserto, que não me pertence nem por nascimento nem herança cultural, e no qual, todavia, me sinto em casa. (p.71)

Faiza finaliza a discussão, parecendo-lhe estúpido que alguém pudesse matar em nome de um deus ou de um determinado conjunto de referências culturais. Acredita ser ainda mais incompreensível matar em nome da nacionalidade: “uma linha a tinta preta assinalada num mapa.” (p.72) ⁸

Em *As mulheres de meu pai*, do escritor José Eduardo Agualusa, o assunto se repete desde o instante em que a personagem Laurentina, uma cineasta, viaja de Portugal para o território africano a fim de conhecer o pai, Faustino Manso, famoso

⁸ As reflexões de Faiza vão ao encontro das palavras de Said quando afirma: “o exilado sabe que num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade.” (SAID, 2003, p.58)

músico angolano que tivera 18 filhos com distintas mulheres. A curiosidade é despertada quando a mãe, antes de falecer, confia à Laurentina que esta é filha adotiva.

Com a morte de Faustino, a jovem parte para a África, convencendo o namorado a acompanhá-la. Contrariado, Mariano Maciel ou Mandume, filho de um casal angolano cujos familiares foram assassinados pelo regime angolano pós-independência, segue a moça. Laurentina e Mandume entram em crise, desencadeada, entre outras razões, pela presença do jovem escritor Bartolomeu Falcato, sobrinho de Laurentina.

Nessa viagem de reconhecimento identitário, que se estende de Angola a Moçambique, passando pela África do Sul, a rivalidade entre Bartolomeu e Mandume cresce à medida que Laurentina, gradativamente, se aproxima do escritor africano, alimentando o ciúme e a ira do namorado:

Nunca gostei de África. Vi como a África destruiu os meus pais. Li alguns livros que eles guardam no escritório, isso que alguns chamam de literatura angolana: a vitória é certa camarada! A poesia é uma arma, Sábado vermelho. Panfletos políticos, escritos, o mais das vezes, com os pés. Raízes? Raízes têm as plantas e é por isso que não se podem mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre. Raízes têm as árvores, nem eu nem tu [Laurentina] somos africanos. (p. 42)

Em outra passagem, procura se convencer de que sua identidade é portuguesa:

Felizmente os meus pais ficaram em Portugal. Nasci em Lisboa. Sou português. Houve uma fase da minha vida, entre as dores e os ardores da adolescência, em que tive dúvidas. Não sabia muito bem a que mundo pertencia. (p.70)

As 550 páginas de *As mulheres de meu pai*, num complexo extraordinário de vozes narrativas emaranhadas, ganham coerência artística através de uma organização precisa e magistral. Como ocorre em suas narrativas, Agualusa articula, com habilidade, a verdade histórica e biográfica com a imaginação literária, posicionando-se em defesa de universos culturais híbridos como emblemas da utopia multicultural.

Em *Milagrário pessoal* (2010), José Eduardo Agualusa traz como personagem a palavra e suas múltiplas dimensões. Desde as primeiras páginas, a força expressiva dos vocábulos é objeto de reflexão, acompanhando juntamente com as demais personagens, seus significados na configuração da identidade das comunidades e nações. A cultura e a história são realçadas pela palavra que ganha poderoso estatuto de criar identidades.

O texto de Agualusa vai forjando, paralelamente aos acontecimentos vividos pelas personagens, uma cadeia textual que resulta em múltiplos contatos, levando os

dois protagonistas, um octogenário professor e sua ex-aluna Iara, a uma viagem ao Brasil, mais especificamente à cidade de Olinda, em Pernambuco, a fim de buscar informações etimológicas de palavras empregadas por um jornalista num jornal português.

Ao chegar ao Brasil, Iara e o professor, além dos contatos para dar prosseguimento à pesquisa, comentam acerca das características culturais e arquitetônicas do lugar e do país, comparando-as com as cidades de Lisboa e as dos países africanos de língua portuguesa.

Um dos traços evocados para o estabelecimento comparativo é a origem de determinadas palavras. Numa conversa com Iara, o professor provoca a moça, sugerindo que a mesma faça uma lista de vocábulos que considera belos. Minutos antes, Iara mostrara algumas: afago; açucena; lume; pitanga; langue; morena; morança; desamparinho. (p.70)

Iara brinca com o professor chamando a atenção de duas palavras que seriam originárias do português de África. O professor corrige-a: “pitanga não tem origem africana, vem do tupi e significa avermelhado; quissange, sim.” Açucena e afagar são de proveniência árabe. Morança é um termo do crioulo guineense, designando agregado familiar. A palavra desamparinho, uma das mais belas do crioulo cabo-verdiano, dá nome àquela hora feliz, ao final da tarde, quando o dia cede lugar à noite, o calor esmorece os velhos se sentam nos passeios, fruindo o fresco e as cigarras, e vendo as moças passarem sacudindo as ancas, completa o professor.

Uma nova consciência geográfica descentrada dita os ritmos nas páginas de *Réquiem para o navegante solitário* (2007), do escritor timorense Luís Cardoso,⁹ O descentramento está no desabrochar de uma nova literatura – a do Timor - e na revelação de culturas, que se cruzam, fruto do colonialismo, das migrações, das deportações, dos êxodos e exílios, da presença de viajantes e aventureiros.

Réquiem para o navegante solitário revela ainda episódios embrionários da resistência timorense ao colonialismo. Traz os sinais da ascensão de Hitler na Alemanha

⁹ O escritor Luís Cardoso de Noronha nasceu no Timor-Leste, em Cailaco, uma região próxima à fronteira com Timor Ocidental (Loro Moro), em 1959. Seu pai era pertencente ao ramo étnico calade e língua materna *mambai*, e sua mãe também da etnia calade, era falante de *lacló*. Em casa a língua adotada foi tétum

e da guerra civil espanhola, assentando-se temporalmente, todavia, no conflito mundial da Segunda Guerra e seu efeito sobre o pequeno país. Conflito esse que repercute na personagem Rodolfo Marques da Costa que gostaria que tal acontecimento, tão distante no seu entender, permanecesse em continente europeu. O português comunista deportado pelo autoritarismo salazarista, temeroso dos fatos situados na Europa, apresenta seu olhar sobre o país que o recebeu:

Que ninguém ousasse trazê-los para aquela ilha perdida no fim do mundo, que os governantes portugueses tão bem tinham sabido esconder da cobiça das potências, da avidez dos ricos, reduzindo-a a uma nulidade confrangedora. (p.78)

Timor era:

Um sítio para deportados, um depósitos de esquecidos, uma ilha prisão cercada pelo mar infestado de tubarões e de piratas em busca de pérolas, pedras preciosas e de gatas, donde ninguém o podia fugir. (p.78)

Dessa forma, de “ilha que mais parecia um navio ancorado no fim do mundo, doce encanto dos territórios do além-mar, onde nada havia para fazer e tudo estava por fazer” (p.31), Timor será em sua história, brutalmente violado. Basta recordar a bárbara invasão patrocinada pela Indonésia em 1975, logo após as negociações de independência com Portugal. Em 2002, o território timorense liberta-se do governo indonésio, obtendo apoio dos portugueses.

Nas travessias empreendidas, as constantes chegadas e partidas deram ao país um caráter multifacetado, resultado das experiências de viajantes vindos de muitos lugares. Nessa perspectiva, a categoria do hibridismo torna-se uma condição analítica preciosa na interpretação do romance. Assim, as personagens compõem-se quase sempre de uma formação cultural híbrida em que despontam, conjuntamente, valores ocidentais e orientais, exemplificados, entre outros aspectos, na duplicação de seus nomes. O guerrilheiro nacionalista, conhecido por Malisera, chamava-se Adriano da Fonseca. Outros exemplos são permanentes.

O pai da protagonista Catarina, “era um chinês do continente, convertido ao Cristianismo.” A própria Catarina tivera uma educação européia, ministrada pela esposa de um “aristocrata húngaro que, depois de ter feito várias tentativas para atravessar o

oceano Pacífico numa frágil jangada, se estabeleceu nas Índias Orientais Holandesas para se dedicar ao estudo da música de Java.” (p.12)

De acordo com a jovem, saber línguas estrangeiras, ler os clássicos, tocar piano e admirar Debussy, seria um “sortido de extravagâncias para ornamentar uma excelente carta de apresentação.” O papel adequado da mulher oriental aos anseios dos conquistadores europeus era a perfeita união de duas culturas, escrevia, ironicamente:

A asiática representada pela pele de seda, os olhos rasgados, os cabelos pretos e a minha postura como uma deusa ou a de uma gata, e a européia entendida na forma sedutora como poetas, pintores e músicos a representam, uma bailarina dançando ao sabor da cadência das palavras sussurradas. (p.12)

Por fim, nesta breve ilustração analítica, encontram-se categorias que trazem um novo e frutífero processo metodológico e teórico aos estudos de literatura comparada. Embora originalmente a literatura comparada surja no auge do imperialismo europeu, estando ligada a ele, ela possui a finalidade original de ver, “em conjunto e em contraponto, várias culturas e literaturas”, indo além do “isolamento e do provincianismo”. Afinal, como ressalta Said, “a constituição e os primeiros objetivos da literatura comparada eram adotar uma perspectiva além da nação a que pertencia o indivíduo, observar alguma espécie de totalidade em lugar do pequeno retalho oferecido pela cultura, literatura e história da pessoa.” (SAID, 1999, p.78)

Levando em consideração tal pressuposto *inter-nacional*, há uma revisão das questões de diferença cultural, da autoridade social e da discriminação política a fim de observar as situações antagônicas e ambivalentes no interior das racionalizações generalizadoras da modernidade ocidental.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *As mulheres de meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

_____. *Milagrário pessoal*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

BRUNEL, P. , PICHOS, CL. e ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estética e de literatura*. São Paulo: Hicitec, 1997.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ufmg, 1998.

CARDOSO, Luís. *Réquiem para o navegante solitário*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2004.

- COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Ufmg, 2006.
- GILROY, Paul. *O atlântico negro*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ufmg, 2003.
- HAYAT, Faíza. *O evangelho segundo a serpente*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Chapecó, SC: Argos, 2002.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa e MENEZES, Maria Paula. (org.) *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina, 2009.